



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

GABRIEL SOUZA DO NASCIMENTO

**A ATUAÇÃO DE JOSE PESSOA NA GRANDE GUERRA 1914-1918: OFICIAL
BRASILEIRO AO COMANDO DO ESQUADRÃO DOS DRAGÕES**

**GUARABIRA
2020**

GABRIEL SOUZA DO NASCIMENTO

**A ATUAÇÃO DE JOSE PESSOA NA GRANDE GUERRA 1914-1918: OFICIAL
BRASILEIRO AO COMANDO DE ESQUADRÃO DOS DRAGÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação Curso de
História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Graduado em
Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima

**GUARABIRA
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244 Nascimento, Gabriel Souza do.

A atuação de José Pessoa na grande guerra 1914-1918 [manuscrito] : oficial brasileiro ao comando do esquadrão dos dragões / Gabriel Souza do Nascimento. - 2020.

18 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2020.

"Orientação : Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima, Coordenação do Curso de História - CH."

1. Primeira Guerra Mundial. 2. Brasil. 3. Missão Aché. 4. José Pessoa. I. Título

21. ed. CDD 909

GABRIEL SOUZA DO NASCIMENTO

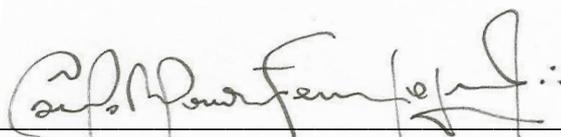
A ATUAÇÃO DE JOSE PESSOA NA GRANDE GUERRA 1914-1918: OFICIAL
BRASILEIRO AO COMANDO DO ESQUADRÃO DOS DRAGÕES

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Graduado em
Licenciatura Plena em História.

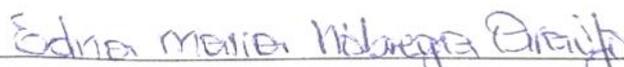
Área de concentração: Historiografia,
literatura e mídia.

Aprovada em: 18/11/2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (DH-UEPB)



Prof. Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (DH-UEPB)



Profa. Dra. Luciana Calissi (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (DH-UEPB)

O que os líderes que tomavam as decisões pensaram estar fazendo? Por que naquele momento não recuaram, como já tinham feito antes? Em outras palavras, por que falhou a paz? (MACMILLAN, 2014. p. xxxi)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	“A GUERRA QUE IRIA ACABAR COM TODAS AS GUERRAS”.....	9
2.1	O Brasil republicano (1889-1930) e os desenvolvimentos nos ensinamentos militares.....	12
2.2	<i>José Pessoa e sua participação na primeira guerra mundial.....</i>	13
2.3	<i>Os carros de combate no front ocidental.....</i>	14
2.4	A Missão Médica Militar Brasileira na França.....	15
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
	REFERÊNCIAS	19

A ATUAÇÃO DE JOSE PESSOA NA GRANDE GUERRA 1914-1918: OFICIAL BRASILEIRO AO COMANDO DO ESQUADRÃO DOS DRAGÕES

Gabriel Souza

RESUMO

Neste artigo propomos apresentar como José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, nascido na Paraíba no município de Cabaceiras em 1885, ingressou e ascendeu no Exército brasileiro sendo um dos partícipes da Primeira Guerra Mundial. No tocante a sua biografia, em 1903, ingressou na Escola Prática do Realengo, logo em seguida na Escola de Guerra de Porto Alegre, onde teve sua primeira experiência ligada ao ensino militar brasileiro. Em 1918 foi selecionado com outros oficiais para atuar na Primeira Guerra Mundial. Entre suas atividades militares no exército brasileiro, focamos na participação na França, para qual foram enviados pela Comissão Brasileira de Estudos, Operação de Guerra e compra de material, em apoio aos aliados: França, Reino Unido e Império Russo. Dentre o que verificamos, destacamos as seguintes atividades: a utilização de tanques de guerra, arma que era a mais recente novidade no combate aos inimigos no período. Para dar subsídio teórico a esse trabalho, recorreremos a Margaret MacMillan (2014), Carlos Daróz (2017), Martin Gilbert (2017), Hiram de Freitas (1985), Arthur Max (2011) e Claudio Moreira (2014). Selecionamos José Pessoa, como o tema central porque esse foi um paraibano que prestou serviço militar na Primeira Guerra Mundial e pouco se debate no campo acadêmico essa narrativa militar historiográfica.

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial. Brasil. Missão Aché. José Pessoa.

ABSTRACT

In this article we propose to present how José Pessoa de Cavalcanti Albuquerque, born in Paraíba in the municipality of Cabaceiras in 1885, became a member and ascended in the Brazilian Army, being one of the participants in the First World War. With regard to his biography, in 1903, he joined the Escola Prática do Realengo, and soon after, at the Escola de Guerra de Porto Alegre, where he had his first experience linked to Brazilian military education. In 1918, he was selected with other officers to serve in the First World War. Among his military activities in the Brazilian Army, we focused on his participation in France, to which they were sent by the Brazilian Study Commission, War Operation and purchase of material, in support to the allies: France, the United Kingdom and the Russian Empire. Among what we verified, we highlight the following activity: the use of war tanks, a weapon that was the most recent novelty in fighting enemies in the period. To provide theoretical support to this article, we turn to Margaret MacMillan (2014), Carlos Daróz (2017), Martin Gilbert (2017), Hiram de Freitas (1985), Arthur Max (2011) and Claudio Moreira (2014). We selected José Pessoa as the central theme because he was a Paraiban who served the military in the First World War and little is debated in the academic field about this historiographical military narrative.

Keywords: First World War. Brazil. Mission Aché. José Pessoa.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso, no gênero textual artigo acadêmico, pretende apresentar a participação de José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque (1885-1959) em um dos principais eventos relacionados ao início do século XX, conhecido como Primeira Guerra Mundial (1914-1818). Diante da quantidade e qualidade de trabalhos sobre o tema, tais como os dos historiadores Niall Ferguson (2014), Sir Martin Gilbert (2017), Margaret MacMillan (2014) e Carlos Daróz (2017), Hiram de Freitas (1985), Carlos Daróz (2017), Cláudio Moreira Bento (2014), e os jornais *A Época* (1919) e *O Imparcial* (1918).

Os registros sobre esta participação oscilam entre ser considerada memorável para a história militar brasileira por ações e projetos posteriores à guerra, cuja participação no conflito é nosso tema de estudo – chegando ao posto de Marechal do Exército Brasileiro –, e ser uma temática escassa para a historiografia brasileira. Proponho, diante disso, apresentar parte da biografia militar de José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, que serviu à *Comissão brasileira de estudos, operação de guerra e compra de material*¹ no front ocidental como comandante do 3.º Pelotão do 4.º Regimento dos Dragões, instruiu dos ensinamentos militares franceses e da nova arma de guerra que a academia militar brasileira teria em desfalque.

A respeito da escassez de fontes digitais, torna-se limitado expandir tal como a atividade de José Pessoa no Regimento dos Dragões, igualmente sobre dados minuciosos sobre sua atividade enquanto piloto dos tanques. Assim como a dificuldade de locomoção (por razão à COVID-19), para acesso de materiais físicos a exemplo o livro de própria autoria que encontra-se no Estado do Rio de Janeiro, em seu museu. Logo, “o número de trabalhos acadêmicos relativos ao envolvimento brasileiro dava para se contar nos dedos [...]” (DARÓZ; DEL PRIORE, 2019, p. 33). Desta forma, proponho adicionar para a academia os feitos da persona do oficial do exército com base em um levantamento bibliográfico, utilizando jornais com recorte temporal de 1914-1918, revisão bibliográfica cujo trabalho seja focado nas esferas já afirmadas e autores que trabalham o conflito da Grande Guerra².

2 “A GUERRA QUE IRIA ACABAR COM TODAS AS GUERRAS”

A Grande Guerra, segundo Martin Gilbert (2017), foi um evento que impactou a Europa e os eixos de alianças (Tríplice Aliança e Tríplice Entente). Iniciada em 1914, devido às tensões na região dos Balcãs e à grande rivalidade entre as potências europeias, o estopim para o conflito se iniciou com o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando (1863-1914) da Áustria e da duquesa Sofia de Hohenberg (1868-1914).

O conflito, no entanto, teve início próximo ao fim do século XIX com uma sequência de ações, exemplificando uma dessas ações, o programa do Império Alemão de construção naval como iniciativa à rivalidade com o Império Britânico, bem como o perigo que representava ao Império Austro-húngaro a unificação dos povos eslavos do sul (região dos Balcãs) conforme Martin Gilbert, que iria

¹ A comissão brasileira de estudos, operações de guerra e compra de material teve por objetivo reunir a maior quantidade de conhecimentos no tocante à doutrina militar francesa, assim como a compra de material bélico, de 1917 a 1930.

² Termo utilizado com frequência durante 1914, pois o evento tinha seu codinome, A guerra que iria acabar com todas as guerras.

desestabilizar a economia, a política e a paz da França, a falência do Império Otomano, a desolação e a fome da população alemã durante a Guerra. Antes do estopim, segundo MacMillan (2014), a Europa estava em eixos de alianças, intitulada de Tríplice Entente, dentre os quais se tinha os países: Reino Unido, França e Império Russo; e Tríplice Aliança com os impérios: Império Alemão, Império Austro-Húngaro e Itália.

Assegura Carlos Daróz (2017), as motivações que as nações europeias teriam para ir à guerra se davam devido ao rancor da França desde a Guerra Franco-Prussiana (1870-71), onde foi derrotada e, por consequência, perder toda a região da Alsácia-Lorena. O Império Russo tinha seus interesses voltados para a região dos Balcãs, região que causava conflitos constantes com o Império Austro-Húngaro³ pelo controle da Sérvia. O Império Britânico, por sua vez, não se interessava por essa rivalidade entre os franceses e russos contra os alemães e os austro-húngaros, mas foi confrontado pela provocação do Kaiser Alemão, Guilherme II, para uma corrida marítima e armamentista que, segundo Martin Gilbert, houve propostas (pelo Reino Unido) para que ambos parassem essa busca desenfreada de mais força marítima. Diante disso, entrou com extensa rivalidade contra as Potências Centrais, como ficaria conhecida a Tríplice Aliança que corresponde aos países já citados.

O Império Alemão incitou um conflito, sobretudo contra o Império Britânico, pois a política de Guilherme II, em 1897 com a Weltpolitik⁴, ficou diretamente ofendido em observar que o seu império não estava em destaque dentre as potências imperiais na repartição das colônias e, por essa razão, estimulou um programa de construção de navios para superar os ingleses. Isso acarretou grandes consequências para economia interna alemã. O Império Austro-Húngaro tinha uma forte rivalidade com o pan-eslavismo⁵ iniciado pelo Império Russo que almejava a união dos povos eslavos; que este ideal de uma união eslava foi algo que não poderia ser ignorado, visto que foi interpretado como um dos mais poderosos movimentos nacionais, conforme Martin Gilbert explica. Houve, diante disso, um apoio para um plano alemão de pangermanismo, que seria um bloco de países de origem germânica, visto que o Império Austro-Húngaro queria o domínio total da região dos Balcãs. A Itália não teria grandes planos para almejar, uma vez que posteriormente iria abandonar as potências centrais.

Desta forma, é perceptível que o fator que generaliza os ideais e motivações entre as grandes potências e o forte sentimento nacionalista que se expandiu durante o século XIX e foi utilizado pelos impérios como uma forma de impulso para o apoio total das ações que levaram ao confronto da guerra. Como afirma Eric J. Hobsbawm,

[...] O nacionalismo interno podia também tomar a forma de ascensão daqueles movimentos de direita para os quais o termo 'nacionalismo' foi de fato cunhado nesse período – como na França, Itália e Alemanha – ou, mais geralmente, da xenofobia política que encontrou sua expressão mais deplorável, embora não fosse a única, no anti-semitismo [...] (1990, p. 129).

³ O império Austro-Húngaro foi uma união constitucional do Império Austríaco e o Império Húngaro, que existiu de 1867 a 1918. Resultado do Compromisso Austro-Húngaro de 1867.

⁴ Termo que se destacou durante um discurso no Reichstag, e que se tornou significado para uma política global ou mundial, atrelada ao sentido de distribuição de poder mundial.

⁵ Movimento que defende o agrupamento de todos os povos eslavos num só estado.

Ademais, este nacionalismo, como as iniciativas do pan-eslavismo ou pangermanismo, confirmam o sentimento de profunda admiração pela nação, oriundo de um ideal étnico e linguístico.

De acordo com MacMillan (2014), enquanto as potências na Europa estavam se equipando e inovando seu poderio militar, como a preocupação dos britânicos com a possibilidade de uma derrota terrestre e marítima para o Império Alemão – e o sentimento de rivalidade francesa (contra o Império Alemão) – que fez aumentar sua quantidade de reserva e ativo militar de pessoas. No Brasil, em 1889, acontecia o republicanismo que rompeu com a estagnação sobre as forças militares (Marinha e Exército) no início do século XX pelos Ministros da Guerra, os marechais João Nepomuceno de Medeiros Mallet (1840-1907), Francisco de Paula Argolo (1847-1930) e Hermes da Fonseca (1855-1923), com o desejo de promover um processo de revitalização no âmbito militar entre 1900 e 1908 (DARÓZ, 2017). De forma regular, iniciaria a passos curtos um projeto para instituições militares no intuito de introduzir, no ensinamento ao soldado, os novos métodos já trabalhados na Europa em seus corpos de oficiais nas escolas e institutos militares.

Conforme discorre Daróz (2017), o que motivou e influenciou a entrada do Brasil na Grande Guerra foram os torpedos disparados contra as embarcações de mercadorias brasileiras no **Paraná** em 4 de Abril de 1917, **Tijuca** em 20 de maio de 1917, **Lapa** em 22 de maio de 1917 e **Macau** em 18 de outubro de 1917, atacadas por submarinos alemães na região das rotas comerciais do Atlântico. A notícia sobre a entrada do Brasil na guerra foi dada em 26 de outubro de 1917, pela capa dos Jornais *A Epoca*⁶ e *A Gazeta de Notícias*⁷.



Figura 1 - Jornal gazeta

Fonte: Biblioteca Nacional Digital, 2020.

Isso, por sua vez, foi um estorvo, pois a economia do país já sentia um impacto com a deflagração da guerra, e o pouco que ainda foi permitido pelo pacto da neutralidade, estava se esvaindo oceano a fundo. Por consequência, foi declarado o rompimento do acordo de neutralidade com o Império Alemão em 1917, entrando no estado de guerra contra Império citado, após a iniciativa dos Estados Unidos contra as potencias do eixo central.

Em 1917, o Brasil enviou um corpo militar sob o comando do General Napoleão Felipe Aché⁸, com a missão intitulada *Comissão brasileira de estudos, operação de guerra e compra de material*, nomeada pelos jornais da época como Missão Aché, com o objetivo de estudar a doutrina militar francesa, visto que as

⁶ A Epoca, n. 01932, de 26 de outubro de 1917, acervo da Biblioteca Nacional.

⁷ Gazeta de Notícias, n. 00298, de 26 de outubro de 1917, acervo da Biblioteca Nacional.

⁸ Não foi encontrado ano de vida e morte.

instituições estavam voltadas anteriormente para o método do Império Alemão. Como afirma Daróz (2017), foram enviados 24 oficiais que estariam excitados com o forte desejo em participar do front na Grande Guerra. Um desses oficiais presentes era o Tenente José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. A Missão Aché teve o papel de adquirir ensinamentos militares franceses para o Brasil assim como material bélico. No próximo apresentaremos o contexto histórico do país em sua relação com as questões do aprendizado militar.

2.1 O Brasil Republicano (1889-1930) e os desenvolvimentos nos ensinamentos militares

O Brasil republicano passava por um período conturbado nas décadas finais do século XIX e início do XX. No primeiro golpe, onde os governantes tentavam estruturar a república em meio a uma política instável, o corpo social brasileiro “assistia a tudo bestializado”⁹, como expõe Marcos Napolitano (2016). Diante das divergentes ideias de república, deu-se início a três correntes republicanas: a liberal, a positivista e a dos radicais (os jacobinos). Por consequência, houve neste periódico, grande impacto na economia com inflações monetárias e revoltas populares. Diante disso, foi criada por Campos Sales a Política dos Governadores (1898-1902); projeto que destinava as responsabilidades pelas dificuldades dos estados para os seus próprios governantes.

O Brasil, no entanto não fomentava um ideal para o poderio militar, pois o ponto de interesse foi destinado para a produção do café e sua exportação, visando o crescimento econômico. Então, a Política dos Governadores, segundo Marcos Napolitano (2016), entregou autonomia para os Estados, legitimando uma forma de controle onde o poder estaria em posse dos governadores estaduais (em casos dos municípios, seria o poder no controle dos Coronéis), em vista que seria necessário o apoio total do estado para os planos do governo federal. Este seria um acordo que perduraria por décadas como forma ideal de equilíbrio de poder.

Em meio a essa conjuntura republicana brasileira, a formação do exército estava em estado inicial, uma vez que as instituições de ensino militar estavam se adequando desde a chegada da Família Real em 1808, construindo um ideal de patriotismo e estudo das mais avançadas táticas e estratégias militares europeias, como afirma Ten. Cel. Hiram de Freitas Câmara:

O programa da academia era vastamente científico, comportando em seu currículo o ensino de matemática, física, química, mineralogia, metalurgia, história natural e os idiomas francês, inglês e alemão sem os quais dificilmente poderiam usar os alunos adquirir o conteúdo das disciplinas apoiado em ampla bibliografia europeia. O conteúdo militar do programa era assegurado através do estudo da “história militar de todos os povos e todos os grandes generais”, da tática e da estratégia, além daqueles aspectos que provinham da finalidade inicial, ligados à castramentação¹⁰ – arte de assentar acampamentos – e à fortificação (1985, p. 11).

Mesmo com dois governos de militares republicanos sucessivos, não foram capazes de atender às demandas e suprir as carências das Forças Armadas brasileiras. Como aponta Daróz (2017), esse aspecto militar de necessidades foi

⁹ Termo utilizado por Marco Napolitano, referenciando o jornalista Aristides Lobo (1838 – 1896), para enfatizar a dualidade da informação passada com os fatos da transição do fim da Monarquia para a República.

¹⁰ Sic.

apontado nos dois conflitos internos: A Revolta Federalista (1893-1895) e a Guerra de Canudos (1896-1897). Nessa perspectiva, a academia militar atingiu sua forma e seus valores, com a necessidade de formar oficiais e introduzir métodos para uma formação, adquirindo o sentimento de patriotismo. Com esse ideal, outras academias e escolas militares foram abertas, algumas com mais dificuldades que outras para serem estabilizadas.

2.2 José Pessoa e sua participação na Primeira Guerra Mundial

José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque nasceu na Paraíba em 12 de setembro de 1885. De uma importante família de políticos, foi sobrinho de Epitácio Pessoa, presidente da República de 1919-1922, e irmão de João Pessoa, presidente da Paraíba de 1928 até seu assassinato que, segundo Castro (2002), desencadearia uma série de mitos e honras sobre suas ações.

Membro do corpo militar desde 1903, quando se tornou praça no 29º BI (Batalhão de Infantaria), em Recife. Seguiu posteriormente para a Escola preparatória e de Tática em Realengo, no Rio de Janeiro, então capital do Brasil (CAMINHA, 2013). Promovido para 1º tenente em 1913 e sua próxima promoção para 2º tenente ocorreu apenas em 1918¹¹.

Com a Comissão de Estudos criada em 1917 que apoiou o eixo aliado na Grande Guerra, a Missão Aché, como ficou conhecido o apoio brasileiro no front pelos jornais *Correio da Manhã* e o *Gazeta de Notícias* em 1918, comandada pelo General Napoleão Felipe Aché, teve como objetivo reunir conhecimentos sobre os ensinamentos franceses em relação às doutrinas militares. Dessa forma, “Lá, frequentava a Academia Militar de Saint-Cyr, absorvendo a forte influência tradicionalista francesa, de culto ao seu maior herói, Napoleão Bonaparte” (CÂMARA, 1985).

Após o período de estágio, onde conheceu os importantes sítios e instalações militares franceses, como a cidadela de Verdun, em abril de 1918 (DARÓZ, 2017), José Pessoa integrou a unidade militar francesa no front, que utilizava da nova máquina de guerra, os carros de assalto, adicionado no 503º Regimento de Cavalaria, o 4.º de Dragões do Exército francês, recebendo o Comando do 3.º Pelotão do 1.º Esquadrão (CÂMARA, 1985).

Enquanto comandante do 3.º Pelotão do 1.º esquadrão, integrou as forças francesas no contra-ataque aliado. Esse decisivo avanço dos aliados foi um dos últimos atos na guerra, de junho a agosto de 1918, como afirma Martin Gilbert:

Em 11 de junho, os Aliados desencadearam um contra-ataque com quatro divisões francesas e duas americanas. O apoio aéreo fez novamente parte integrante da batalha, assim como 163 tanques. Foram feitos prisioneiros mais de mil soldados alemães. A infantaria já não operava sozinha, mas um erro num bombardeio feito pela Força Aérea britânica nesse dia feriu oito soldados franceses e matou 75 cavalos. Cerca de quarenta aviões aliados foram abatidos pelos alemães, com a perda de dezenove aviões (2017, p. 575).

De acordo com Daróz (2017), durante o contra-ataque aliado os Dragões funcionaram como uma unidade hipomóvel¹², onde José Pessoa teve o contato com o carro de combate em funcionalidade de estratégia militar, visto que durante o

¹¹ O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro, n. 01129, 05 de novembro de 1918, acervo da Biblioteca Nacional. Na coluna, foi noticiado promoção do oficial e lembrou a promoção para 1.º Tenente de José Pessoa.

¹² Unidade que utilizou de cavalos e carros de combate para locomoção e batalhas durante a guerra.

avanço os franceses tiveram vantagem funcional em combate. A oeste de Soissons, cinco divisões alemãs atacaram em 12 de junho de 1918, mas estavam em desvantagem contra duzentas unidades dos carros de combate franceses, conforme pontua Gilbert (2017).

Com a experiência no front durante a campanha, o Tenente José Pessoa assumiu o 1.º Pelotão formado por turcos do mesmo esquadrão, segundo Câmara (1985), integrados de soldados extremamente agressivos. Desta forma, Câmara afirma sobre o Comandante do 1.º Pelotão:

O espírito do Marechal ficou muito marcado pela impressão causada por esses soldados rústicos, verdadeiras máquinas combatentes. Recordo o Brigadeiro José Pessoa a impressão que aqueles soldados haviam causados no Marechal José Pessoa, capazes de, por sua impulsão - no dizer do meu pai - levá-lo a atos de bravura que sem eles não seria possíveis realizar. Nesse momento, havia orgulho em seus olhos. Outras vezes, havia horror. Como ao lembrar daqueles homens ofertando-lhe, num preito da mais profunda admiração, um fio, do qual pendiam, como um colar, as orelhas cortadas das cabeças dos inimigos que haviam acabado de vencer, em encarniçada luta corpo a corpo (1985, p. 31).

O que torna necessário destacar é que essa nova arma de guerra foi uma inovação para a tecnologia de guerra, diferente das demais que já haviam experimentados e efetivados nos fronts e na terra de ninguém por ambos os lados, os carros de combate.

2.3 Os carros de combate no front ocidental

Durante os confrontos da guerra, uma área ganhou destaque desde os meses iniciais: a ciência. Desde a invenção dos gases tóxicos, a tecnologia da guerra e a ciência estiveram unidas, devido à alta possibilidade de destruição de infantarias inteiras para quem estivesse à frente do adversário.

Em campo de guerra, mais especificamente nas longas terras de ninguém¹³ e nas trincheiras¹⁴, principalmente nessa última, as infantarias tinham certas dificuldades: desde os riscos em atravessar a terra de ninguém, até mesmo os arames farpados que tinham como linha de defesa contra um avanço inimigo. Com tal obstáculo para conquistar território no campo de batalha, foram desenvolvidas as linhas dos carros de combate blindados, como descreve Cel. Claudio Moreira Bento, no artigo *O Livro do Capitão José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque Sobre os Tanks na Guerra Europeia (1914-1918)*:

[...] o Carro de Combate Blindado, a máquina destinada a revolucionar a Ciência da Guerra, foi obra dos Aliados. Empregada em grandes massas pelos Ingleses, Franceses e depois pelos Americanos, foi esmagador o nivelador irreduzível da grande Muralha, atrás da qual estive o inimigo entrincheirado durante quatro longos anos [...] (2014 p. 5).

A funcionalidade dos Carros de Combate, segundo Moreira Bento e Travassos (2014), serviu de apoio para a unidade de infantaria avançar diante de diversos disparos do fogo de artilharia e destruir os obstáculos que estivessem no

¹³ Terra de ninguém é um termo utilizado para definir o território que estivesse entre duas trincheiras opostas.

¹⁴ Trincheiras, termo designado para as escavações no solo como forma de abrigos para os soldados.

caminho. Essa nova tecnologia de guerra contou com homens para realizar atividades que necessitassem de uma unidade de infantaria. O Carro de Combate, aliado às redes de arame farpado abrindo passagem, serviram como economia de munições, conforme nos aponta Bento (2014, p. 9).



Figura 2 – Modelo de Tanque
Fonte: Bento, 2014, p. 04

Assim como afirma Martin Gilbert (2017, p. 575), em condução de batalha durante o contra-ataque aliado, que foi o momento decisivo para uma investida de junho a agosto de 1918, os tanques (ou carros de combate) franceses, a oeste do Soissons, tiveram certa vantagem em uma batalha contra cinco divisões alemãs em 12 de junho.

O avanço dessa nova arma de guerra teve melhorias. Em 30 de junho, ao sul de Ambleny, afirma Martin Gilbert:

[...] os franceses atacaram um novo tipo de tanque de 5,5 toneladas, adotando a tática alemã de avançarem rapidamente para seu objetivo num flanco antes de voltarem para capturar as tropas no centro [...] (2017, p. 582).

A eficiência dos carros de combate se destacou devido à sua proteção de blindagem contra os disparos de artilharia e por utilizar do mínimo possível de unidades de pelotão. Esse novo armamento seria introduzido ao Brasil, segundo Cel. Claudio Moreira, no comando de José Pessoa em 1920 da então criada Companhia de Carros de Assalto do Exército, proprietária de carros de combate como os franceses Renault FT 17. Diante disso, outra formação brasileira que atuava na guerra também se destacou e ganhou notoriedade pelos jornais brasileiros da época como *Época*: A Missão Médica Militar Brasileira (MMMB).

2.4 A Missão Médica Militar Brasileira na França

A participação do Brasil na Primeira Guerra foi também missão médica: sob o comando do General Napoleão Felipe Aché, chefe da Comissão de estudos explicada anteriormente, conforme expôs Daróz (2017), iniciou sua funcionalidade médica na França com 131 homens à disposição, com pessoas que já trabalhavam na área da saúde, administrativo e apoio. Os serviços da missão médica eram limitados, e foi necessário convocar médicos civis e acadêmicos de medicina para

trabalhar em efetivo militar. Desta forma, foram comissionados como oficiais do Exército brasileiro.

O apoio médico brasileiro foi idealizado diante os agravantes das inúmeras baixas e os feridos das batalhas no front da guerra, e pela pandemia que atingiu a Europa: a Influenza de 1918. Como expõe Daróz (2017), devido à carência de médicos para suprir a necessidade, foi atendido o pedido, durante a Conferência Interaliada realizada em Paris em novembro de 1917, do envio de uma missão médica militar para a França para o tratamento dos feridos. Por conseguinte, no dia 10 de julho de 1918, foi criada a Missão Médica Militar Brasileira (MMMB) com o propósito de instalar e operar um hospital com capacidade para 500 leitos em Paris. Foi selecionado o cirurgião José Thomaz Nabuco de Gouvêa (1872-1940), comissionado para o posto de coronel.

A missão médica se espalhou por toda França com o objetivo de prestar apoio imediato onde houvesse necessidade de mais urgência. Daróz (2017) explicita que foram enviados para Marshelha, Saint-Brieux, Nice, Rennes, Nevers, Montpellier, Angoulême, Tours sur Loire, Poitier, Nantes e outras cidades, atendendo a população francesa que sofria com a Influenza. Após 45 dias, foi instalado o *hospital brésilien*, como afirma Daróz:

Os integrantes da missão brasileira, auxiliados por franceses contratados, realizaram as reformas estruturais e adequações necessárias no prédio, e organizaram as alas dos doentes e as salas de atendimento, deixando o *hospital brésilien* em condições de uso (2017, p. 129).

Com o armistício e o fim da guerra em novembro de 1918, o hospital continuou em funcionamento atendendo a população civil e, segundo Daróz (2017), foi ordenado ao coronel Nabuco de Gouvêa (1872-1940) que diminuísse gradativamente o efetivo dos ambulatórios, pois com o final do conflito a necessidade de atendimento hospitalar para os soldados teria reduzido. A missão médica foi prestigiada pelo serviço prestado aos aliados franceses pelo general Simonin¹⁵, diretor do Serviço de Saúde em Montpellier. Diante do reconhecimento, o general brasileiro responsável pela missão médica escreve para o coronel brasileiro após receber as notícias do prestígio, como apresenta Daróz:

[...] Se um dia minucioso historiador, na grande obra desta última guerra, quiser dedicar um capítulo ao nosso querido país, não poderá deixar de registrar a boa impressão deixada pelos seus representantes combatendo no fronte, sem receios nem temores [...] (2017 apud FELIPE ACHÉ, 1919, p. 130).

Em fevereiro de 1919 a missão médica militar brasileira foi encerrada. O coronel brasileiro, que chefiou a missão, recebeu ordens para retornar ao Brasil junto com o corpo de médicos civis, segundo Daróz (2017), permanecendo na França apenas os oficiais de carreira do Exército e da Marinha. A notícia do fim das atividades médicas brasileiras não foi bem recebida pelos diplomatas da delegação brasileira, recebendo protestos de Epiácio Pessoa (1865-1942), que chefiava o Brasil na Conferência de Paz de Versalhes¹⁶ junto ao general Aché. Mesmo diante das ressalvas, assim terminou as atividades no front de guerra da *Comissão brasileira de estudos, operação de guerra e compra de material*.

¹⁵ Não foi encontrado o ano de vida e morte

¹⁶ Conferência que debateu os acordos para o Tratado de Versalhes, onde entrou em acordo as penas para os países derrotados na guerra e barganhas para os países vitoriosos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Comissão de estudos, ou seja, a *Comissão brasileira de estudos, operação de guerra e compra de material*, que foi criada para dar apoio ao eixo aliado e adquirir ensinamentos militares e as novas tecnologias francesas, teve bons resultados, conforme Daróz (2017). Prolongou sua existência por um grande período após o fim da guerra e, como exposto por Daróz (2017), o hospital continuou em atividade com os civis. Essa missão teve suas baixas durante a guerra, como a de José Pessoa (1885-1952), que contraiu a febre tifoide e foi internado no hospital de campanha onde conheceu a enfermeira Blanche Mary Edward¹⁷, que se tornou esposa posteriormente.

A missão continuou em atividade, de 1919 até 1930, com funcionalidade em missões militares francesas aéreas e outra geral, afirma Daróz. Essas duas missões introduziram profundas mudanças no Exército brasileiro a partir de 1920 como os passos iniciais da aviação no Brasil.

Em 1919, José Pessoa foi promovido a capitão do Exército¹⁸ devido aos seus atos de bravura. Quando retornou ao seu país de origem, segundo Câmara (1985), escreveu, com base em seu conhecimento devido ao emprego no carro de combate, o livro intitulado *O tank na guerra Europeia*. De acordo com Daróz (2017), foi ainda responsável pela elaboração e efetivação das forças blindadas no país. Com o aprendizado adquirido durante sua campanha na França direcionou, no período que comandou a Escola Militar de Realengo, a transferência de uma nova academia militar para Resende – projeto finalizado em 1944, que resultou na Academia Militar das Agulhas Negras.

O pós-guerra no Brasil foi um período de restritas importações, que impulsionou o país para uma industrialização, demonstrando os agravantes sociais urbanos da classe operária, como explicita Câmara (1985).

Podemos observar que se tornou necessário pesquisar sobre o Brasil na Primeira Guerra Mundial para expandir, no campo acadêmico, as pesquisas sobre essas participações e levantar as bibliografias das figuras que marcaram os meios militares por atos de bravura, vezes ocultadas.

Assim foi José Pessoa, um paraibano de uma família política relevante no Estado nos anos iniciais republicanos no país, mas que não optou por seguir o caminho político, como o irmão João Pessoa (1878 – 1930) Presidente do Estado da Paraíba de 1928 até sua morte em 1930 e seu tio Eptácio Pessoa (1865 – 1942) Presidente da República de 1919 até 1922, mas o caminho militar. Apresentamos uma possibilidade de interpretação do conflito mundial fora do contexto consagrado pela historiografia tradicional das espacialidades e nomes consagrados. Buscamos com nossa pesquisa estimular outras, sobre diferentes *peçoas* que estiveram relacionadas ao período da Primeira Guerra Mundial.

¹⁷ Não foi encontrado o ano de vida e morte

¹⁸ A *Época*, n. 02369, de 9 de janeiro de 1919, acervo da Biblioteca Nacional

REFERÊNCIAS

- BENTO, Claudio Moreira. **O LIVRO DO CAPITÃO JOSE PESSOA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE SOBRE OS TANKS NA GUERRA EUROPEIA 1 (1914-1918)**. Resende 2014, **O guararapes n° 36 FAHIMTB**. Disponível em < <http://www.ahimtb.org.br/ahimtb/LIVROCAPPESSOATANQUES.pdf>> Acesso em: 20 de abril de 2020.
- CÂMARA, Hiram de Freitas. **Marechal José Pessoa: a força de um ideal**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.
- CASTRO, Celso. **A invenção do Exército brasileiro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- DARÓZ, Carlos. **O Brasil na Primeira Guerra Mundial: a longa travessia**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- DEL PRIORE, Mary; DARÓZ, Carlos. **A História do Brasil nas duas guerras mundiais**. São Paulo: Unesp Digital, 2019.
- FERGUSON, Niall. **O horror da guerra: uma provocativa análise da primeira guerra mundial**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2014.
- GILBERT, Martin. **A Primeira Guerra Mundial: os 1590 dias que transformaram o mundo**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2017.
- HOBBSAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- MACMILLAN, Margaret. **A Primeira Guerra Mundial: que acabaria com as guerras**. 1. ed. São Paulo: Globo Livros, 2014.
- MAX, Arthur. **Vozes esquecidas da Primeira Guerra Mundial: uma nova história contada por homens e mulheres que vivenciaram o primeiro grande conflito do século XX**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- SONDHAUS, Lawrence. **A Primeira Guerra Mundial História Completa**. São Paulo: Contexto, 2013.
- Gazeta de Notícias**, n. 00298, 26 de outubro de 1917, acervo da Biblioteca Nacional. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_04&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=42368> Acesso em: 19 de novembro de 2020. il. collar.
- BENTO, Claudio Moreira. **O LIVRO DO CAPITÃO JOSE PESSOA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE SOBRE OS TANKS NA GUERRA EUROPEIA 1 (1914-1918)**. Resende 2014, **O guararapes n° 36 FAHIMTB**. Disponível em < <http://www.ahimtb.org.br/ahimtb/LIVROCAPPESSOATANQUES.pdf>> Acesso em: 19 de novembro de 2020. il. color.

AGRADECIMENTOS

Este espaço me reserva tantas emoções e lembranças que devo deixar marcado em letras que dentro de mim se transformam em lapsos como se estivesse revivendo cada momento. Para todos que me acompanharam nessa trajetória de uma transformação, de uma ideia fora de órbita que se transformou em projeto e por fim aqui onde posso concluir esta etapa que dará espaço para tantas outras, eu sou grato. Gratidão, que não há palavras que represente ou ação que iria equivaler apenas tenho um sentimento que me conforta ao saber que não estou sozinho, que há pessoas que possa chamar de família, não apenas por sangue ou laço parentesco, mas por atitudes, confiança, nobreza e amor. Desde a ida de meu Pai em 2017, tive a oportunidade de aprender e evoluir que nada mais é uma forma natural do ser humano, mas que abriu novas perspectivas, novas atitudes, dificuldades e inovações. Pessoa que nunca pensei que iria me apegar tanto, hoje tem tanto orgulho em considera-la mais que amizade. Ter a oportunidade de ter enfim um sentimento de alegria mútua com um grupo de amizades que por momento difícil fosse, a complicação a nível federal estivesse acontecendo, estávamos juntos rindo da desagradável situação. Pessoas que passaram como o vento que retira a folha do galho para que nasça outra. As pessoas que vieram e ficaram, marcaram o meu ser e me ensinaram lições que guardarei até o fim de minha vida. Ao meu orientador, que mesmo sabendo a dificuldade que seria assumir esse projeto comigo e minhas dificuldades, aceitou e disse que vai dar certo (e deu!). Por fim, as pessoas que estiveram ao meu lado, olhando a lágrima, o suor, o grito e o sorriso. Eu sou grato.

Espero que aquele menino que um dia sonhou em ser alguém verdadeiro e digno se orgulhe de quem esta trilhando o caminho, do agora. Afinal, aprender uma lição sem dor não tem significado. Isso porque as pessoas não conseguem obter nada sem sacrificar alguma coisa. Mas quando superam as dificuldades e conseguem o que quer as pessoas conquistam um coração forte que não perde pra nada. Um coração forte como o aço.